

POPULAÇÕES DO VALE DO JEQUITINHONHA E MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS¹

Ralfo Matos²

As populações do Vale do Jequitinhonha ainda ostentam indicadores típicos de regiões deprimidas, tais como: alta mortalidade infantil e baixa esperança de vida, níveis de fecundidade relativamente elevados, forte evasão de migrantes para outras regiões e estados, expressiva proporção de residentes em áreas rurais, distribuição etária desigual exibindo grande proporção de crianças e idosos.

As análises subsequentes buscam introduzir um conjunto de evidências adicionais derivadas do exame dos dados do Censo Demográfico de 1991, enfatizando em especial a questão das migrações internas relativas à década de 1980.

De acordo com a definição constante no Mapa 1, a Região do Jequitinhonha representava, aproximadamente, 10% da superfície territorial de Minas Gerais em 1991. Embora constituísse uma importante fração do espaço mineiro, o peso dessa população no conjunto da população mineira tem diminuído continuamente. Os dados da Tabela 1 indicam que em 1970 ainda incorporava quase 7% da população mineira. A partir daí, certamente em decorrência das perdas por emigração, a Região veio persistentemente tendo rebaixada sua participação na população mineira. No curto período de 1991/96 as tendências de queda permaneceram; a participação reduziu-se para perto dos 5%, havendo, inclusive, diminuição, em termos absolutos, do efetivo populacional, já que a Região perdeu quase oito mil pessoas.

Assim sendo, não causa surpresa verificar que o seu ritmo de crescimento populacional tem se mantido bastante próximo de zero. Enquanto Minas Gerais vem crescendo a taxas modestas (por volta de 1,5% ao ano no período 1970-80 e 1980-91), inferiores às do Brasil (entre 2,3% e 1,9% no mesmo período), no interior mineiro, o Vale do Jequitinhonha tem sido recorrentemente uma região de crescimento demográfico nulo, sobretudo em consequência das perdas por emigração. Entre 1991/96 manteve-se praticamente na mesma situação, momento em que Minas Gerais dá sinais de redução do nível de perdas populacionais, ostentando um crescimento médio anual relativamente próximo ao do Brasil.

1 Parte desse texto integra o vol. 1 do relatório final de pesquisa do convênio Finep/2504.

2 Prof. do Depto. de Geografia do IGC/UFMG, doutor em Demografia pelo CEDEPLAR.

Mapa 1
VALE DO JEQUITINHONHA – MUNICÍPIOS EM 1991



Tabela 1PARTICIPAÇÃO DA REGIÃO DO JEQUITINHONHA
NA POPULAÇÃO DE MINAS GERAIS ENTRE 1970 E 1996

Anos	Brasil	Minas Gerais	Região do Jequitinhonha	Região/MG (%)
1970	94.508.583	11.487.415	798.616	6,95
Crescimento 1970/80 (%)	2,33	1,54	0,31	
1980	119.002.706	13378553	824.102	6,16
Crescimento 1980/91 (%)	1,89	1,49	0,82	
1991	146.154.502	15.743.152	901.341	5,73
Crescimento 1991/96 (%)	1,45	1,15	-0,18	
1996	157.070.163	16.673.097	893.442	5,36

Fonte: IBGE, Censos Demográficos; Contagem da População de 1996.

A distribuição das populações municipais do Jequitinhonha mostra aquelas localidades que, ao longo do tempo, acumularam mais população, valendo-se, provavelmente, dos efeitos indiretos e fatores inerciais dados por atividades que, no passado, deram suporte econômico à região, mesmo que, mais tarde, tais atividades tenham perdido dinamismo.

Partindo dos dados censitários de 1991, ano que delimita a definição do recorte espacial regional aqui adotado, verifica-se, pela Tabela 2 que, dos 51 municípios da Região, apenas Salinas detinha população superior a 50 mil habitantes. Rio Pardo de Minas, Almenara e Diamantina, respectivamente, situavam-se entre aqueles que possuíam população entre 40 e 50 mil habitantes. Araçuaí, Minas Novas, Itamarandiba, Novo Cruzeiro, Capelinha, São João do Paraíso, Taiobeiras, Jequitinhonha, Itinga, Pedra Azul, Caraí, Medina, Itaobim e Grão-Mogol, constituíam outros 14 municípios, nessa ordem, que integravam o rol dos que possuíam população superior a 20 mil habitantes.³

A partir da simples comparação entre os diferentes estoques populacionais fica evidente que, na Região do Jequitinhonha, as cidades são modestas e as populações domiciliadas em áreas rurais ainda mostravam-se muito expressivas numericamente.

3 Ao considerar-se apenas a população urbana, verifica-se uma mudança na hierarquia desses municípios. Nesse caso, com populações superiores a 20 mil habitantes compariam apenas Diamantina e Almenara. Salinas, Taiobeiras, Pedra Azul, Capelinha, Araçuaí, Jequitinhonha, Itaobim, Itamarandiba, Medina, Rio Pardo de Minas e Padre Paraíso, somavam os 11 demais cujas populações urbanas situavam-se entre 10 e 20 mil habitantes.

Tabela 2

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DAS POPULAÇÕES TOTAL, URBANA E RURAL
DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DO JEQUITINHONHA POR SUB-REGIÕES EM 1970, 1980, 1991 E 1996,
ORDENADOS PELA POPULAÇÃO TOTAL DE 1996

Municípios e Subregiões do Vale do Jequitinhonha	Pop. Residente em 1970			Pop. Residente em 1980			Pop. Residente em 1991			Pop. Residente em 1996		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
<i>Alto Jequitinhonha</i>	192787	54931	137856	205012	78318	126694	240719	113931	126788	245217	133249	111968
Diamantina	17,98	43,12	7,97	17,52	33,85	7,43	18,40	30,38	7,64	17,70	27,20	6,40
Capelinha	10,18	8,05	11,04	11,57	13,43	10,42	12,60	14,62	10,79	13,73	14,81	12,44
Minas Novas	12,97	4,59	16,31	13,42	5,67	18,21	13,97	5,67	21,43	13,64	5,93	22,81
Itamarandiba	14,02	6,89	16,85	14,10	10,45	16,35	13,50	12,77	14,17	13,17	12,75	13,68
Turmalina	8,55	4,81	10,04	8,46	6,53	9,65	8,06	7,50	8,57	8,63	8,99	8,21
Serro	9,12	11,33	8,24	8,47	9,90	7,58	8,03	8,57	7,55	8,31	8,23	8,40
Chapada do Norte	7,30	1,34	9,67	7,20	1,52	10,71	6,56	1,36	11,23	5,91	2,97	9,40
Gouvêa	4,44	6,84	3,48	4,55	6,46	3,37	4,76	6,30	3,37	4,66	5,56	3,58
Carbonita	3,61	1,69	4,38	4,03	3,02	4,66	3,40	3,19	3,60	3,70	4,20	3,12
Felício dos Santos	2,43	1,13	2,94	2,20	0,94	2,99	2,41	1,22	3,48	2,27	1,25	3,48
Senador M. Gonçalves	2,91	1,05	3,65	2,75	1,08	3,79	2,21	1,03	3,26	2,18	1,00	3,59
Datas	2,07	2,80	1,78	1,71	2,05	1,50	1,95	1,98	1,93	2,06	2,01	2,13
Couto de M. de Minas	1,72	3,19	1,13	1,48	2,54	0,82	1,67	2,79	0,66	1,73	2,74	0,52
São Gon. do Rio Preto	1,45	1,45	1,45	1,37	1,21	1,47	1,24	1,18	1,30	1,26	1,22	1,32
Presidente Kubitschek	1,24	1,71	1,05	1,18	1,35	1,07	1,22	1,44	1,02	1,04	1,14	0,92
<i>Médio Jequitinhonha</i>	240298	60542	179756	252580	81461	171119	267529	109475	158054	265684	121231	144453
Araçuaí	12,60	16,34	11,34	12,42	15,84	10,79	12,64	15,15	10,91	13,04	15,33	11,13
Novo Cruzeiro	13,08	7,42	14,98	12,36	6,02	15,38	11,49	5,94	15,34	10,00	5,72	13,59
Itinga	9,45	4,75	11,03	9,43	5,00	11,55	8,45	6,17	10,03	9,06	6,01	11,62
Pedra Azul	7,84	18,29	4,32	7,98	16,70	3,83	8,25	16,00	2,88	8,72	15,79	2,79
Itaobim	6,44	11,39	4,78	7,19	13,02	4,42	7,61	13,46	3,56	8,18	13,28	3,89
Medina	8,26	12,93	6,69	8,99	13,70	6,74	8,13	12,04	5,42	7,84	11,52	4,74
Carai	7,91	4,12	9,18	6,86	3,78	8,33	8,14	4,35	10,77	7,40	4,88	9,51
Berilo	6,53	1,57	8,20	7,00	1,59	9,58	6,63	1,93	9,89	6,61	2,70	9,89
Francisco Badaró	6,03	2,47	7,23	6,17	2,60	7,86	6,42	2,83	8,91	6,54	3,07	9,45

Padre Paraíso	5,30	8,66	4,16	5,88	9,49	4,17	6,48	9,25	4,56	6,48	8,74	4,59
Virgem da Lapa	5,66	3,78	6,30	5,47	4,09	6,13	5,21	3,72	6,23	5,19	3,14	6,91
Comercinho	4,06	2,43	4,61	3,68	1,76	4,60	3,83	2,11	5,02	3,85	2,11	5,30
Coronel Murta	3,43	3,73	3,33	3,29	4,29	2,82	3,44	4,77	2,51	3,65	5,02	2,50
Cachoeira de Pajeú	3,40	2,11	3,84	3,26	2,11	3,81	3,28	2,28	3,97	3,46	2,68	4,11
Baixo Jequitinhonha	177878	66234	111644	163719	78398	85321	169331	102114	67217	168616	110861	58054
Almenara	22,75	27,25	20,08	23,71	30,04	17,91	26,82	31,68	19,44	26,69	31,58	17,22
Jequitinhonha	12,92	14,51	11,98	14,21	14,98	13,51	13,43	15,20	10,74	13,91	14,82	12,11
Joaíma	10,75	9,13	11,71	11,46	8,98	13,73	10,81	9,46	12,86	11,24	10,37	12,85
Rio do Prado	8,91	6,73	10,21	8,19	6,20	10,03	7,91	5,91	10,96	7,78	6,20	11,29
Jacinto	7,96	5,90	9,18	7,23	5,91	8,44	7,19	6,49	8,24	7,03	6,13	8,70
Santo Ant. do Jacinto	7,52	3,18	10,10	7,77	3,03	12,12	7,14	4,14	11,71	6,66	4,32	11,08
Jordânia	5,93	7,38	5,07	5,07	6,58	3,69	5,62	6,08	4,93	6,00	5,79	6,36
Rubim	7,71	9,99	6,35	7,47	9,15	5,93	6,36	7,12	5,21	5,91	6,64	4,47
Salto da Divisa	5,73	7,78	4,51	5,13	6,26	4,10	4,60	5,30	3,54	4,38	5,11	2,98
Felisburgo	2,56	2,67	2,49	3,14	3,54	2,76	3,54	3,77	3,21	4,36	4,39	4,29
Bandeira	4,22	2,59	5,19	3,77	2,33	5,09	3,43	1,89	5,78	3,06	1,75	5,54
Santa Maria do Salto	3,04	2,90	3,13	2,83	3,00	2,67	3,14	2,97	3,39	2,98	2,90	3,12
Sudene	187653	23410	164243	202791	45802	156989	223762	75810	147952	213925	95375	118550
Salinas	24,47	41,35	22,07	24,07	30,92	22,07	22,72	25,78	21,16	23,44	27,63	20,06
Rio Pardo de Minas	20,02	10,52	21,37	21,08	10,62	24,13	21,81	13,85	25,89	19,84	11,89	26,24
São João do Paraíso	12,11	4,26	13,23	11,70	5,92	13,39	12,92	6,83	16,05	12,99	8,14	16,90
Taobéiras	7,47	20,56	5,61	9,43	22,39	5,65	11,92	24,17	5,64	12,05	20,48	5,28
Grão-Mogol	10,83	8,57	11,15	10,94	9,70	11,31	9,06	8,68	9,26	10,21	9,01	11,17
Águas Vermelhas	6,54	4,31	6,86	7,38	12,88	5,78	8,57	12,86	6,38	9,52	14,95	5,15
Rubelita	7,86	4,19	8,38	5,26	2,77	5,98	4,47	2,26	5,61	4,17	2,09	5,85
Botumirim	3,76	3,06	3,86	3,49	2,77	3,70	3,23	3,04	3,33	3,18	3,00	3,32
Cristália	2,54	1,44	2,69	2,36	1,05	2,74	2,24	1,93	2,39	2,35	2,21	2,45
Itacambira	4,39	1,74	4,77	4,29	0,97	5,26	3,04	0,59	4,30	2,25	0,61	3,57
Total	798616	205117	593499	824102	283979	540123	901341	401330	500011	893442	460716	433025

Fonte: IBGE – Censos Demográficos de 1970, 1980 (Anuário Estatístico de Minas Gerais), 1991 e Contagem Populacional de 1996 (em meio digital). Produção e Organização: Laboratório de Estudos Territoriais (LESTE) – IGC – UFMG, 1998.

Notas: 1 – Os municípios da região são os existentes em 1991;

2 – Os novos municípios emancipados até 1996 foram aglutinados conforme o recorte espacial existente em 1991.

Todavia, mediante a observação mais atenta dos dados da Tabela 2, relativos ao período 1991/96, torna-se claro que, assim como a Região perdeu efetivos populacionais (população total), simultaneamente, conheceu um importante incremento de suas populações urbanas (população urbana e grau de urbanização), sobretudo em alguns de seus principais municípios, como Diamantina, Salinas e Almenara.

A MIGRAÇÃO NO VALE DO JEQUITINHONHA

Em decorrência do histórico declínio econômico regional, as migrações internas relativas ao Vale do Jequitinhonha têm se mostrado importantes há muito tempo. Se o Alto Jequitinhonha chegou a ser uma área de atração de população no século XVIII, por força da extração do diamante e ouro, o Baixo e o Médio Jequitinhonha tornaram-se áreas de imigração no século XIX e primeiras décadas do século XX, quando a expansão da pecuária de corte propiciou a vinda de mineiros (de outras regiões), nordestinos e, principalmente baianos.

Nas últimas décadas, no entanto, essas sub-regiões tornaram-se áreas economicamente estagnadas e expulsoras de população, notadamente o Baixo e Médio Jequitinhonha.

Os dados amostrais do Censo Demográfico de 1991 permitem a reconstituição da migração⁴ de última etapa do período 1981-91. Para efeito de simplificação far-se-á uma caracterização sintética das populações imigrante e emigrante, mediante a utilização de variáveis censitárias, tentando explorar a questão da temporalidade desses movimentos.

Contudo, antes de introduzir a análise sobre os imigrantes e emigrantes do Vale do Jequitinhonha vale a pena trazer algumas informações sintéticas relativas à população não-migrante, porquanto é dela que surgirão os tão conhecidos fluxos migratórios envolvendo a Região.

Em 1991 o Censo Demográfico registrava a presença de 822.411 pessoas residentes no Jequitinhonha que nunca haviam migrado. Compunham uma população geralmente mais jovem que os imigrantes e emigrantes. Cerca de 42% deles possuíam menos de 15 anos de idade. A distribuição era básica-

4 A definição de migrante adotada nesse estudo refere-se às pessoas que fizeram mudança de residência entre municípios no período 1981-91, sejam elas naturais ou não do município onde foram recenseadas.

mente a seguinte: 14% de crianças entre 0 e 4 anos de idade, 14,5% de crianças entre 5 a 9 anos e 13,4% de crianças entre 10 e 14 anos. Os jovens com idades entre 15 e 19 anos, ao representarem 11,1% da população total de não-migrantes, evidenciavam uma clara redução de seu peso sobre o total. Certamente, nesse último conjunto muitos já têm experiência migratória de tipo temporária, outros já saíram e não voltaram. Enfim, entre os não-migrantes cerca de 53% da população possuía menos de 20 anos de idade em 1991.

Os imigrantes

Os imigrantes residentes na Região do Jequitinhonha em 1991 incorporavam cerca de 78.930 pessoas, o que representava 9% da população total recenseada no mesmo ano. Eram em sua grande maioria jovens distribuídos principalmente entre os 10 e 34 anos de idade apresentando uma composição por sexo equilibrada, mas com pequeno predomínio da população masculina.

Eram principalmente mineiros, entre os quais, devem predominar os nascidos na própria Região, embora os dados censitários de 1991 só permitam captar parcialmente essa realidade (por não inquirir sobre o município de nascimento a toda a população). Na verdade 84,8% do total de imigrantes eram mineiros. Deles, quase 1/3 (32,5%) estavam fazendo migração de retorno ao município de nascimento (21.749 pessoas). Os dois terços restantes, muito provavelmente congregam um outro conjunto expressivo de pessoas que estavam retornando à Região, mas não ao município de nascimento. Indiretamente, isto pode ser explorado ao se perguntar qual a fração de imigrantes que estava fazendo migração dentro da própria Região, se era expressiva ou não. Ora, dos 78.930 imigrantes registrados em 1991, 34.016 pessoas (43,1%), parcela bastante expressiva, fez deslocamentos entre os 51 municípios que compunham a Região⁵.

Imigração e trajetórias domiciliares

Conforme se viu, ainda era expressiva a quantidade de pessoas vivendo no meio rural do Vale do Jequitinhonha em 1991. Entretanto, quando se analisa os dados censitários relativos aos fluxos migratórios, a primeira con-

5 Em termos de migração intrarregional, os municípios nos quais a imigração foi maior do que a emigração foram principalmente Taiobeiras, Almenara, Padre Paraíso e Itabim. Secundariamente comparecem Capelinha, Araçuaí, Salinas, Itamarandiba, Jequitinhonha e Diamantina.

clusão mais geral é a de que predominavam amplamente as trajetórias de tipo Urbano-Urbano (U-U) ou Rural-Urbano (R-U), indicando a crescente tendência de a maioria da população regional se alojar em áreas urbanas. Dos 78.930 imigrantes identificados na Região, cerca de 73%, 57.454 pessoas, deslocaram-se para as cidades da Região. Destas, quase 2/3 eram procedentes de centros urbanos (o fluxo U-U). Na verdade, quase a metade do total de imigrantes (48%) fizeram movimentos migratórios de tipo U-U (Tabela 3).

Tabela 3

IMIGRANTES DO VALE DO JEQUITINHONHA SEGUNDO SEXO,
NATURALIDADE E TRAJETÓRIA DOMICILIAR
(%) ENTRE OS MUNICÍPIOS DE PROCEDÊNCIA E O DE RESIDÊNCIA ATUAL
– PERÍODO 1981-1991

Sexo	U – U	R – U	I – U	U – R	R – R	I – R	Total (100%)
Imigrantes mineiros							
Homens	45,18	23,77	1,08	12,99	16,53	0,45	33509
Mulheres	47,94	25,95	0,86	10,34	14,44	0,46	33420
Subtotal	46,56	24,86	0,97	11,67	15,48	0,45	66929
Imigrantes não-mineiros							
Homens	56,05	18,19	0,79	16,59	8,32	0,05	6230
Mulheres	55,48	18,80	0,73	16,07	8,49	0,44	5771
Subtotal	55,77	18,48	0,76	16,34	8,40	0,23	12000
<i>Total</i>	<i>47,96</i>	<i>23,89</i>	<i>0,94</i>	<i>12,38</i>	<i>14,41</i>	<i>0,42</i>	<i>78930</i>
Imigrantes naturais do município							
Homens	52,88	12,62	1,13	20,15	12,43	0,78	11041
Mulheres	55,59	12,34	1,09	17,36	12,80	0,82	10707
Subtotal	54,22	12,48	1,11	18,78	12,61	0,80	21749
Imigrantes não-naturais do município							
Homens	44,58	26,85	1,00	11,02	16,32	0,23	28697
Mulheres	46,60	29,62	0,75	8,86	13,85	0,32	28484
Subtotal	45,59	28,23	0,87	9,95	15,09	0,28	57181
<i>Total</i>	<i>47,96</i>	<i>23,89</i>	<i>0,94</i>	<i>12,38</i>	<i>14,41</i>	<i>0,42</i>	<i>78930</i>

Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 1991. Produção e organização: Lab. Estudos Territoriais (LESTE) – IGC/UFMG, 1999.

Notas: I=Ignorado; R=Rural; U=Urbano.

Os fluxos de origem rural tornam-se mais significativos nos casos de deslocamentos entre áreas rurais (R-R), o que sinaliza para a migração envolvendo trabalhadores da lavoura, abarcando, inclusive, a questão da migração sazonal (feita durante parte do ano para a colheita de produtos agrícolas

em outras regiões, como por exemplo em São Paulo). São 14,4% de imigrantes que fizeram migração de tipo R-R e 12,4% que fizeram a de tipo U-R, o que totaliza 26,6% de imigrantes com destino rural.⁶

É interessante notar que, nas trajetórias domiciliares, a distribuição por sexo mostrou dois tipos de tendências bem claras na Região. De um lado as trajetórias com destino rural (R-R e U-R) onde predominam os indivíduos do sexo masculino, notadamente quando se focaliza os imigrantes mineiros. De outro lado as trajetórias de tipo R-U e U-U, nas quais a predominância é sempre do sexo feminino. Tais números estariam corroborando a tendência de as mulheres, mais que os homens, buscarem preferentemente se instalar em áreas urbanas, onde podem desempenhar tarefas distintas das que tipificam as áreas rurais.

Imigrantes, procedência e sazonalidade

Vimos que 43,1% dos imigrantes vieram do próprio Vale do Jequitinhonha. Outros 31,5% são provenientes do resto de Minas Gerais, perfazendo portanto 74,6% de movimentos migratórios envolvendo o próprio Estado. Os outros 25,4% dos imigrantes vieram de fora de Minas, e nesse número deve haver migrantes sazonais, os quais podem ser estimados desde que não estejam tenham vindo de uma quantidade muito grande de Unidades da Federação.

De fato comprova-se a evidência bastante observada na Região e em outros estudos: são poucos os estados com os quais há expressivas trocas populacionais envolvendo o Jequitinhonha. São Paulo é, de longe, o estado de onde provém a maior parte dos imigrantes procedentes de fora de Minas. Os dados indicam que os 10.242 imigrantes provenientes de São Paulo representavam mais da metade (51%) do total de imigrantes procedentes de fora de Minas (20.071). O estado da Bahia, a segunda mais importante área de origem dos imigrantes, situava-se bem distante desses números porquanto incorporava apenas 27% do mesmo total.⁷

6 A título de comparação, observe-se que em seu conjunto os fluxos de origem rural (R-U e R-R) respondem por 38,3% das trajetórias, enquanto os de origem urbana (U-U e U-R) correspondem a 60,3%.

7 Os dados indicam ainda a predominância do sexo masculino (55%) entre os imigrantes procedentes de São Paulo, da mesma forma que entre os procedentes da Bahia. No geral os homens são ligeiramente mais numerosos que as mulheres à medida que as áreas de origem se distanciam fisicamente do Vale do Jequitinhonha.

A evidência de sazonalidade pode ser estimada, ainda que de forma não definitiva, através de outras variáveis do Censo Demográfico. Ao se controlar a população imigrante por naturalidade, a evidência do retorno à Região amplia significativamente. Ou seja, se o Jequitinhonha não é uma área de atração populacional, mas ao contrário, é de se esperar que a maioria de seus imigrantes são mineiros da própria Região que estaria fazendo algum tipo de migração de retorno. Os dados da Tabela 3 mostram que 84,8% do total de imigrantes da Região eram mineiros, dos quais, uma parcela expressiva retornava ao próprio município de nascimento (21.749 pessoas).

Por outro lado, os dados mostram também que, no interior da população de imigrantes mineiros do Jequitinhonha era muito expressiva a parcela daqueles procedentes de áreas rurais 40,3% (27.001). A evidência de que tais pessoas voltassem da colheita de produtos agrícolas (em São Paulo, por exemplo) está implícita.

De maneira correlata, convém enfatizar que mesmo a presença de imigrantes não mineiros recenseados em uma região claramente expulsora de população sugere duas hipóteses, a de ocorrer nesse contingente a presença de muitos filhos e cônjuges de migrantes de retorno mas que nasceram fora de Minas (por exemplo em São Paulo), ou a vinda de migrantes não mineiros de localidades mais deprimidas que o próprio Jequitinhonha, como partes dos Estados da Bahia e Espírito Santo, lugares nos quais a migração envolvendo o Jequitinhonha é bastante antiga.

A Tabela 4 traz os imigrantes mineiros e não-mineiros distribuídos segundo tempo de residência (TR) e relações com o chefe do domicílio. Parece lógico afirmar que se os imigrantes com menos de um ano de residência nos municípios do Jequitinhonha forem muito representativos no interior do conjunto dos 78.930 imigrantes, digamos acima de 15% ou 20% (números usualmente encontráveis para TR menor que 1), amplia-se a evidência de migração sazonal feita durante o ano.

Os dados mostram que no conjunto dos imigrantes mineiros 27,8% fizeram migração durante os 12 meses anteriores à data do Censo, e entre os não-mineiros essa proporção ultrapassa os 35,3%. Se é correta a hipótese de que entre os imigrantes do Vale do Jequitinhonha existem muitas pessoas ligadas, de alguma maneira, à Região, justificando a existência da sazonalidade dos movimentos ano a ano, pode-se deduzir que, por exemplo, entre os imigrantes não-mineiros, seja expressiva a presença de filhos, ou mesmo netos de imigrantes naturais do Vale do Jequitinhonha, que retornam à Região trazendo a família, boa parte dela constituída fora da Região. Assim, muitos dos não-mineiros devem possuir laços de parentesco com pessoas do próprio Vale.

Tabela 4

IMIGRANTES MINEIROS E NÃO-MINEIROS RESIDENTES NA REGIÃO DO JEQUITINHONHA EM 1991
SEGUNDO TEMPO DE RESIDÊNCIA E RELAÇÕES COM O CHEFE DO DOMICÍLIO

Relações com o Chefe do Domicílio	Migração no período 1981-91				Tempo de Residência <= Um Ano				Relação Proporcional	
	Mineiros (1)		Não-Mineiros (2)		Mineiros (3)		Não-Mineiros (4)			
	N. Abs.	%	N. Abs.	%	N. Abs.	%	N. Abs.	%	(3)/(1)	(4)/(2)
Chefe	16769	25,1	2528	21,1	3616	19,4	688	16,2	21,6	27,2
Cônjuge	13057	19,5	1920	16,0	2905	15,6	693	16,3	22,2	36,1
Filhos	27299	40,8	5146	42,9	8274	44,5	1797	42,3	30,3	34,9
Enteado(a)	844	1,3	195	1,6	206	1,1	97	2,3	24,4	49,7
Pai ou mãe	361	0,5	42	0,4	136	0,7	27	0,6	37,7	64,3
Sogro(a)	149	0,2	47	0,4	36	0,2	37	0,9	24,2	78,7
Avô(ó) ou bisavô(ó)	4	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0,0	0,0
Neto(a) ou bisneto(a)	2026	3,0	970	8,1	835	4,5	411	9,7	41,2	42,4
Genro ou nora	687	1,0	238	2,0	272	1,5	117	2,8	39,6	49,2
Irmão(ã)	791	1,2	157	1,3	280	1,5	65	1,5	35,4	41,4
Cunhado(a)	654	1,0	79	0,7	207	1,1	43	1,0	31,7	54,4
Outros parentes	1245	1,9	264	2,2	487	2,6	81	1,9	39,1	30,7
Agregados	1105	1,7	186	1,6	372	2,0	98	2,3	33,7	52,7
Pensionista	168	0,3	23	0,2	88	0,5	4	0,1	52,4	17,4
Empregado doméstico	1266	1,9	89	0,7	686	3,7	51	1,2	54,2	57,3
Parente do empregado doméstico	0	0,0	12	0,1	0	0,0	0	0,0	0,0	0,0
Individual	505	0,8	104	0,9	212	1,1	36	0,8	42,0	34,6
<i>Total</i>	<i>66930</i>	<i>100,0</i>	<i>12000</i>	<i>100,0</i>	<i>18612</i>	<i>100,0</i>	<i>4245</i>	<i>100,0</i>	<i>27,8</i>	<i>35,4</i>

Fonte : IBGE, Censo Demográfico de 1991. Produção e organização: Laboratório de Estudos Territoriais (LESTE) – IGC/UFMG, 1998.

Os dados da Tabela 4 confirmam essa hipótese. Observa-se que somente entre os não-mineiros comparecem proporções tão expressivas (34,9%, 49,7%, 42,4%, 49,4%) de filhos, enteados, netos ou bisnetos, genros ou noras dos chefes de domicílios (mineiros em sua maioria) residentes a menos de um ano nos municípios do Vale. Entre os mineiros tais proporções são bem menos expressivas.

Em todos os casos fica bem clara a importância das relações de parentesco entre os imigrantes, como as de tipo “filho” e “cônjuge” do chefe do domicílio. A categoria chefe, quando se examina a migração de todo o período 1981-91, geralmente responde por 1/4 do conjunto de imigrantes, sejam eles mineiros ou não-mineiros. Ao focalizar o conjunto de imigrantes com menos de um ano de residência no domicílio (onde pode estar inserida boa parte da migração sazonal), essa proporção baixa de maneira expressiva, sobretudo entre os não-mineiros. Essa redução se dá, muito provavelmente, em decorrência do aumento de jovens “filhos” que fazem migração sazonal durante o ano, aqueles que ainda não puderam casar-se e constituir novas famílias (recorde-se que referências encontradas na literatura indicam que a idade média do migrante gira em torno dos 25 anos).

Assim, se durante o ano é alta a migração sazonal envolvendo jovens trabalhadores, não constitui surpresa constatar uma presença muito expressiva de ‘filhos’ entre todos os conjuntos de imigrantes, particularmente, entre os que residiam a menos de um ano no domicílio. Os dados mostram que os filhos dos chefes do domicílio eram a categoria mais importante entre os imigrantes mineiros e não-mineiros. Integralizavam 44,5% do total dos 18.612 imigrantes mineiros com menos de um ano de residência nos municípios do Jequitinhonha e 42,3% entre os não-mineiros.

A presença de muitos imigrantes filhos de imigrantes chefes de domicílio na Região (em 1991) é, na verdade, um sinal de que os vínculos familiares permanecem durante a experiência migratória, favorecendo, por conseguinte, o estabelecimento de redes de parentesco entre áreas de origem e de destino geograficamente distantes, constituindo assim um suporte indispensável à materialização da migração de tipo ‘pendular’, ou sazonal.

Os emigrantes

Em 1991 o Censo Demográfico registrava a existência de cerca de 132.193 pessoas originárias do Vale do Jequitinhonha residindo fora da Região. De um modo geral as mulheres eram mais numerosas que os homens,

54% de mulheres e 46% de homens, não obstante o predomínio masculino à medida que as áreas de emigração se distanciam do Vale.⁸

Em todas as sub-regiões os níveis de expulsão se assemelham, o que ratifica o fato de a Região do Jequitinhonha ser uma área de emigração por excelência. Contudo, ainda assim os dados mostram que a maioria dos emigrantes é procedente de áreas mais deprimidas do Vale, o Médio e Baixo Jequitinhonha. Juntas respondiam por quase 55% do total de emigrantes.⁹

Ao considerar-se o total de emigrantes do Vale do Jequitinhonha que estavam residindo fora da Região do Jequitinhonha em 1991, conclui-se que as principais áreas de destino eram basicamente o resto de Minas Gerais (onde a participação de Belo Horizonte e Região Metropolitana é expressiva), São Paulo e Bahia. O Espírito Santo (limítrofe da Região) e o Rio de Janeiro (a Rio-Bahia atravessa a Região) mostraram-se muito inexpressivos enquanto área de recepção dos emigrantes (Tabela 5). Os dados comprovam o fato nacionalmente conhecido da ida de contingentes expressivos de migrantes para o estado de São Paulo em busca de trabalho. É de longe a principal área isolada de destino dos migrantes (fora de Minas), respondendo por 35,2% de toda a emigração, secundada pelo vizinho estado da Bahia que teria absorvido cerca de 7,7% dos emigrantes.¹⁰

8 Os emigrantes do Vale do Jequitinhonha captados pelo Censo de 1991 eram em sua maioria ainda jovens, exibindo uma média de idade girando em torno dos 27,8 anos. Os homens, mais novos que as mulheres, apresentavam essa média situada nos 27,0 anos de idade (as mulheres, 28,5 anos). Como boa parte dos fluxos migratórios relativos à emigração são de longa distância, e as necessidades de inserção no trabalho dos homens geralmente se manifesta muito cedo (muitos oriundos do meio rural), entende-se assim as médias de idade significativamente mais baixas da população masculina. É bem provável, inclusive, que parte dos homens emigrem primeiro, para que posteriormente emigrem seus parentes mais próximos do sexo feminino.

9 Convém observar que boa parte da emigração ocorre em direção a São Paulo e os atritos da distância deveriam favorecer principalmente as sub-regiões do Alto Jequitinhonha e Área da Sudene, servidas pela BR 251 que as liga mais diretamente ao Triângulo Mineiro, São Paulo, Mato Grosso, *etc.*

10 Residiam nos municípios de Belo Horizonte e de São Paulo à data do Censo, respectivamente, 19.978 pessoas (15,1%) e 11.777 pessoas (8,9%) dos emigrantes do Vale do Jequitinhonha.

Tabela 5

POPULAÇÃO EMIGRANTE DA REGIÃO DO JEQUITINHONHA DISTRIBUÍDA
POR SEXO E UNIDADES DA FEDERAÇÃO DE DESTINO – PERÍODO 1981-91

Localidades de Residência dos Emigrantes	Sub-Regiões de Procedência														
	Alto do Jequitinhonha			Médio Jequitinhonha			Baixo Jequitinhonha			Área da Sudene			Região		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
São Paulo	33,96	27,62	30,56	44,35	39,09	41,53	24,66	23,30	23,93	45,82	43,20	44,41	37,27	33,45	35,22
Bahia	0,52	0,24	0,37	3,19	3,21	3,20	19,94	21,89	20,98	4,16	5,79	5,03	7,24	8,09	7,69
Espírito Santo	0,67	0,33	0,49	0,79	1,45	1,14	4,51	4,50	4,51	0,40	0,53	0,47	1,65	1,79	1,72
Rio de Janeiro	1,49	0,51	0,97	1,37	3,31	2,41	0,89	1,24	1,08	0,12	0,33	0,23	0,97	1,45	1,23
Goiás	0,97	1,08	1,03	0,96	0,44	0,68	0,92	1,47	1,22	1,35	1,39	1,37	1,04	1,08	1,06
Distrito Federal	0,90	1,01	0,96	1,35	1,02	1,17	0,47	0,38	0,42	0,77	1,25	1,03	0,88	0,90	0,89
Mato Grosso do Sul	1,62	0,54	1,04	0,08	0,00	0,04	0,18	0,09	0,13	0,46	0,53	0,50	0,53	0,27	0,39
Resto do Brasil	5,28	5,15	5,21	3,26	2,50	2,85	5,00	4,48	4,72	9,70	8,45	9,03	5,68	5,02	5,33
Resto de Minas	54,60	63,52	59,37	44,66	48,98	46,97	43,43	42,64	43,01	37,22	38,55	37,93	44,73	47,97	46,46
<i>Total (100%)</i>	<i>13321</i>	<i>15322</i>	<i>28643</i>	<i>17351</i>	<i>19984</i>	<i>37335</i>	<i>16121</i>	<i>18595</i>	<i>34716</i>	<i>14558</i>	<i>16941</i>	<i>31499</i>	<i>61352</i>	<i>70842</i>	<i>132193</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991. Produção e organização Laboratório de Estudos Territoriais (LESTE), 1999.

Os dados revelam que os emigrantes da Região saem de áreas urbanas e rurais dependendo do destino: se residiam no resto de Minas Gerais em 1991 eram, em sua maioria, provenientes de áreas urbanas (57,4%); se residiam no estado de São Paulo a procedência dominante era rural (55,2%); se residiam no resto do Brasil essa procedência era predominantemente urbana (57,8%). É evidente que, a emigração para São Paulo destacava-se exatamente por exibir uma maior composição de indivíduos experientes em atividades rurais. Entre eles deve ser expressiva a migração de tipo sazonal.¹¹

Observando a distribuição dos emigrantes segundo sub-região de procedência e situação domiciliar no município de residência anterior as conclusões acima tornam-se mais consistentes geograficamente. De fato, nas sub-regiões onde as populações rurais são muito expressivas e onde há rodovias asfaltadas interligando-as a São Paulo, ocorrem altos percentuais de emigrantes de origem rural. Cerca de 60,2% dos emigrantes residentes em São Paulo provenientes do Alto Jequitinhonha, eram de origem rural. Tais números quando focalizam a procedência sub-regional relativa a Área da Sudene e o Médio Jequitinhonha mostram-se também expressivos, 57,5% e 58,0% respectivamente. Convém recordar que o grau de urbanização vem incrementando-se fortemente em toda a Região nos últimos anos.

De toda a forma, cabe ressaltar que os dados revelam algo que aparentemente soaria estranho a um observador não familiarizado com a Região, o fato de a migração de origem urbana ser predominante para várias regiões do País, mas no caso paulista a emigração de origem rural ser bem mais importante. Isto só se explica pela existência de práticas de deslocamento relativamente antigas de agricultores indo para São Paulo, alguns permanentemente outros temporariamente, apoiados, sob quaisquer das formas, por relações de parentesco que lhes servem de sustentação afetiva e social. Além disso, o migrante rural do Vale do Jequitinhonha é bem conceituado nas frentes de trabalho agrícola em São Paulo (fato comprovado em pesquisa de campo), razão pela qual é tão comum a presença de dezenas de ônibus recrutando mão-de-obra na Região¹².

11 A rigor estes não seriam propriamente emigrantes, porquanto muitos deles retornam após a colheita em São Paulo, alcançando o período das águas, momento no qual realizam seus próprios plantios na Região.

12 O mecanismo da chamada “network migration” é bastante conhecido na literatura. Em outras palavras, os emigrantes aqui analisados, uma vez familiarizados com o ato de migrar (mesmo que temporariamente), devem contar nas localidades por eles mais procuradas (como São Paulo, Belo Horizonte, Bahia, entre outras) com fortes laços de pa-

Através dos dados do Censo pode-se fazer um exercício contrapondo o total de emigrantes do Vale residentes nas áreas de destino com a fração do total que lá residia a menos de um ano. Se a proporção dos residentes recentes for muito elevada, digamos claramente acima dos 15% (lembrar que a migração se refere a um período de 10 anos), é bem provável que uma parte significativa dessa população esteja fazendo migração temporária. Se além disso, tais pessoas possuírem claros vínculos de parentesco com os chefes dos domicílios nos quais residiam, a temporalidade da migração ganha muito mais consistência.

Os dados indicam que a maioria dos emigrantes conta com forte apoio de parentes nos lugares onde residiam em 1991. Na sua declaração sobre o tipo de relação com o chefe do domicílio, as categorias que não expressariam vínculos de parentesco seriam, por exemplo, chefe do domicílio, individual, pensionista, agregados e empregado doméstico. As demais categorias formam um elenco de tipos de parentesco, a saber, cônjuges, filhos, enteados, sogros, avós, netos, genros ou noras, irmãos, cunhados e outros parentes. Os números mostram que esse conjunto responde por 63,9% do total de emigrantes residentes em São Paulo e por 64,9% dos residentes no resto do Brasil. Se focalizamos a emigração de menos de um ano de residência (entre 1990 e 1991), tais percentuais são, para São Paulo 73,2% e para o resto do Brasil 66%. Tais números indicam que os emigrantes parentes dos chefes dos domicílios estão altamente concentrados no período 1990-91, muito provavelmente compondo grande parte da migração sazonal, reforçando a hipótese de que seus deslocamentos se apoiam na existência de redes de parentescos entre diferentes áreas de origem e destino.

Se as atenções se concentrarem nos tipos presentes na Tabela 6 nos quais as proporções de emigrantes residentes no período 1990-91 mostraram-se muito expressivas em relação ao total, as categorias que mais se destacam entre os emigrantes residentes em São Paulo são as seguintes: filhos, enteados, sogros, avós, netos, genros ou noras, irmãos, cunhados, outros parentes, agregados, empregados domésticos e parentes do empregado doméstico. Esse conjunto de pessoas representava 50,7% do total dos emigrantes em São Paulo do período 1981-91 e 70,6% dos emigrantes do período 1990-91, proporção algo impressionante e que vai ao encontro da hipótese aqui formulada: a migração de curto prazo para São Paulo conta com uma grande proporção de migrantes temporários apoiados por vínculos de amizade e parentesco com pessoas lá residentes há mais tempo.

rentesco e amizade. Assim, da mesma forma como é notável, entre imigrantes, a existência da migração sazonal, é bem provável que, entre os emigrantes, também se verifique a mesma tendência.

Tabela 6

EMIGRANTES MINEIROS E NÃO-MINEIROS PROCEDENTES DO JEQUITINHONHA RESIDENTES EM SÃO PAULO EM 1991 SEGUNDO TEMPO DE RESIDÊNCIA E RELAÇÕES COM O CHEFE DO DOMICÍLIO

Relações c/ Chefe do Domicílio	Migração no período 1981/91				Migração no período 1990/91				Relação	
	Mineiros (1)		Não-Mineiros (2)		Mineiros (3)		Não-Mineiros (4)		Proporcional	
	N. Abs.	%	N. Abs.	%	N. Abs.	%	N. Abs.	%	(3)/(1)	(4)/(2)
Chefe	10384	23,67	390	14,50	1283	14,15	90	13,17	12,36	23,00
Cônjuge	7208	16,43	501	18,62	1103	12,16	44	6,44	15,30	8,76
Filhos	9508	21,67	1128	41,90	1622	17,88	326	47,89	17,06	28,93
Enteado	711	1,62	20	0,76	132	1,45	0	0,00	18,55	0,00
Pai/mãe	1413	3,22	126	4,68	203	2,24	0	0,00	14,39	0,00
Sogro(a)	847	1,93	17	0,64	598	6,60	0	0,00	70,63	0,00
Avô/Bis.	114	0,26	0	0,00	114	1,26	0	0,00	100,00	0,00
Neto/Bis.	412	0,94	23	0,87	160	1,76	23	3,44	38,76	100,00
Genro/N	384	0,88	2	0,07	151	1,67	2	0,28	39,39	100,00
Irmão(ã)	3111	7,09	91	3,38	833	9,18	21	3,15	26,77	23,57
Cunhado	1647	3,76	56	2,09	812	8,95	20	2,97	49,28	36,02
Out. Par.	2309	5,26	137	5,08	906	9,99	64	9,33	39,26	46,48
Agreg.	992	2,26	45	1,68	298	3,29	19	2,74	30,05	41,18
Pension.	162	0,37	15	0,55	19	0,21	0	0,00	11,57	0,00
E. Dom	1921	4,38	47	1,73	720	7,94	20	2,91	37,50	42,54
P do E.D.	78	0,18	14	0,53	45	0,49	0	0,00	57,66	0,00
Individ.	2665	6,08	78	2,92	70	0,77	52	7,69	2,63	66,72
<i>Total</i>	<i>43867</i>	<i>100,00</i>	<i>2691</i>	<i>100,00</i>	<i>9070</i>	<i>100,00</i>	<i>681</i>	<i>100,00</i>	<i>20,68</i>	<i>25,31</i>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991; LESTE (Lab. Estudos Territoriais), IGC/UFMG.

Note-se que entre os residentes em São Paulo os emigrantes de até uma ano de residência inseridos na categoria “individual” representavam apenas 4,5% dos 2.744 emigrantes “individuais” do período 1980-91. Isto estaria sugerindo que para São Paulo migrantes isolados procedentes do Vale do Jequitinhonha são raros e episódicos quando a migração é de curta duração ou sazonal, embora o mesmo não aconteça quando focalizamos os emigrantes residentes no “resto do Brasil”. Aqui tal percentual é muito maior, os emigrantes “desgarrados” ou “individuais”, representavam 30,9% dos 1.077 emigrantes individuais do período 1990-91.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Vale do Jequitinhonha ocupa cerca de 10% da extensão territorial de Minas Gerais. Sua população, entretanto, em face dos sucessivos declínios derivados das perdas por emigração nas últimas décadas, participa modestamente do total da população mineira. Além disso, a redução da fecundidade verificada recentemente tem feito diminuir o estoque de populações jovens, e repercutido no ritmo de crescimento demográfico, acentuando o caráter lento e/ou negativo de seu crescimento populacional.

Poucos são os municípios que se destacam em termos de tamanho populacional, a exemplo de Salinas (com população superior aos 50 mil habitantes), Rio Pardo de Minas, Almenara e Diamantina, municípios que desempenham a função de pólos sub-regionais.

As cidades da Região são de tamanho pequeno, não obstante o aumento do grau de urbanização nos últimos anos. As principais cidades, com população girando em torno dos 20 mil habitantes (em 1991) eram Diamantina e Almenara. Outras cidades, importantes econômica e historicamente, exibem estoques populacionais variando entre 10 e 20 mil habitantes.

Entre 1991 e 1996 a Região perdeu efetivos populacionais e simultaneamente experimentou um importante incremento de suas populações urbanas, sobretudo em Diamantina, Salinas, e Almenara.

A análise dos dados relativos aos residentes na Região mostrou que 1/10 da população total era composta de imigrantes, os quais, em sua maioria eram mineiros, com grande presença de naturais do próprio Vale.

Em termos de trajetórias domiciliares observa-se que os fluxos são predominante de tipo Urbano-Urbano e Rural-Urbano, demonstrando a tendência à urbanização na Região. Cerca de 73% dos imigrantes deslocaram-se para as cidades, dos quais aproximadamente 2/3 eram procedentes do meio urbano.

Um aspecto importante no estudo das migrações envolvendo pessoas do Vale diz respeito aos movimentos sazonais que ocorrem durante o ano entre municípios da Região e lugares separados por grande distância física. Mais de ¼ dos imigrantes vieram de “fora de Minas”, dos quais a maior parte proveniente de São Paulo. A evidencia de sazonalidade foi examinada mediante o uso das variáveis naturalidade, tempo de residência, *vis-à-vis* o retorno a Região. De fato os dados mostraram que 85% do total eram mineiros que retornavam ao Estado. A presença de muitos imigrantes filhos de chefes do

domicílio sinaliza para a manutenção dos vínculos familiares durante a experiência migratória, o que garante o suporte às migrações pendulares ou sazonais. Uma proporção bastante expressiva dos imigrantes fez seu deslocamento durante os 12 últimos meses anteriores a data do Censo, evidenciando assim a alta sazonalidade envolvendo, principalmente, jovens trabalhadores, filhos e parentes dos chefes dos domicílios.

Focalizando os emigrantes procedentes do Vale do Jequitinhonha e que residiam fora da Região em 1991 verificou-se que 55% deles eram originários das áreas mais deprimidas do Vale, sendo em sua maioria ainda jovens com médias de idades girando em torno dos 28 anos.

As principais áreas nas quais residia essa população eram o “resto de Minas Gerais” (com ênfase para Belo Horizonte e RMBH), São Paulo e Bahia. São Paulo é a principal área ‘isolada’ de destino dos migrantes, mais de 1/3 do total de emigrantes. A emigração para as várias regiões do país é predominantemente originária de áreas urbanas, mas para São Paulo é principalmente proveniente de áreas rurais do Vale.

Observando as relações de parentesco e o tempo de residência entre os residentes em São Paulo, concluiu-se que a população originária do Jequitinhonha era em sua maioria constituída de parentes, notadamente entre os com menos de um ano de tempo de residência, comprovando-se mais uma vez a forte característica de sazonalidade entre os emigrantes do Vale.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Estrutura espacial do estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1977.
- HORTA, C. J. G. Mortalidade infantil e esperança de vida; evolução no estado de Minas Gerais. In: SEMINÁRIO MINEIRO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 8, Diamantina, 1998. *Anais...* Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1998. v. 2, p. 381-396.
- IBGE. *Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e contagem populacional de 1996*. Rio de Janeiro, [s. d.].
- MARTINE, G., PELIANO, J. C. *Migrantes no mercado de trabalho metropolitano*. Brasília: IPEA, 1978. (Série Estudos para o Planejamento).
- . Adaptação de migrantes ou sobrevivência dos mais fortes? In: MOURA, A. M. (ed.). *Migração interna*. Fortaleza, 1980. (Textos selecionados).
- MATOS, R. E. S. *Dinâmica migratória e desconcentração da população na macrorregião de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1995. (Tese de Doutorado).
- NACIONES UNIDAS. *Métodos de medición de la migración interna*. Nova York, 1972. (Manual, 6).
- OLIVEIRA, V. B., WONG, L. R. A queda da fecundidade nas Minas Gerais 1980/1995. In: SEMINÁRIO MINEIRO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 8, Diamantina, 1998. *Anais...* Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1998. v. 2, p. 341-380.
- SILVA, Lea M. Pesquisa de fluxos migratórios para Belo Horizonte. In: *Migrações internas e desenvolvimento regional*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1973.
- SILVA, N. M. Vale do Jequitinhonha; incorporação e transformações estruturais. In: NABUCO, M. R. (Org.). *Contradições do desenvolvimento agrícola de Minas Gerais: uma perspectiva regional*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1990. p. 105-132.
- SINGER, Paul. Migrações internas; considerações teóricas sobre seu estudo. In: *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1976.